N.º 7 Ovar—Domingo 5 de Setembro de 1886 1.º anno

Assignatura

Assignatura em Ovar semestre 500 rs.
Com estampilha..... 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.
Pagamento adiantado

Redacção e administração
rua d'Arruella n.º 119

O POVO D'OVAR

DIRECTOR—FRANCISCO FRAGATEIRO

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs. a linha.
Annuncios e communicados a 50 rs. a linha.
Repetições..... 20 rs. a linha.
Annuncios premanente 5 » »
Folha avulsa..... 40 rs.

Liberdade de imprensa

Nunca a imprensa exerceu tanta influencia, mas tambem nunca desceu tanto como hoje. A ampla liberdade que as leis lhe têm conferido, o sophisma que sempre se tem levantado para illudir a justa punição de abusos criminosos lançou-a no chavascal immundo do insulto.

Estamos assistindo á guerra mais brutal, mais indigna de que ha memoria. O exemplo não vem de baixo, não vem da imprensa da provincia, onde mais facilmente se pode atear o fogo das paixões, onde mais em contacto se vive: vem do alto. O insulto e a injuria são jogados por escriptores da primeira plana, por funccionarios e estadistas collocados no cimo da nossa sociedade politica.

A seita vae fazendo proselytos. Como meio de viver, os jornalistas procuram avidamente o escandalo, rasgam meramente as reputações honestas para levarem o despreso do povo aos inimigos victoriosos no combate da vespora. Pensam que vence o ultimo que attacou, e por isso não deixam de responder, mas cada vez com mais asco e com mais azedume.

A imprensa de Lisboa está dando de si a prova mais triste, mais asquerosa que se pode imaginar. Mas nem toda segue essa vereda resvaladiça coberta de lama. A imprensa republicana, a que mais se tem distinguido no attaque vigoroso e por vezes demasiado rude, nunca levou a animada versão a ponto de injuriar os inimigos do seu partido, como a imprensa monarchica o está fazendo. N'esta, o termo dos combates jornalisticos, em vez de ser o convencimento d'um dos combatentes, é ou o duello ridiculo e selvagem da edade-media, ou o chicote retezado nas praças publicas.

Atea-se assim a desordem social, a anarchia não reprimida pelas leis porque as auctoridades não têm força para exercer a sua acção benefica e salutar contra homens tão illustres, collocados em posição tão elevada.

Foi, naturalmente, para isto que os jornalistas da opposição—progressistas e republicanos, levantam grita enorme contra as disposições restrictivas do abuso de imprensa, estabelecidas na Nova Reforma Penal: foi naturalmente para isto que as desejavam eliminar, apodando a Reforma de *lei das rolhas, protectora dos ladrões e tyrannos!*

Se agora a Nova Reforma Penal fosse competentemente applicada, decerto que esta guerra violenta desappareceria dentro em pouco. Se aos primeiros insultadores se tivesse instaurado o competente processo crime, não assistiriamos a este levantar de feira que os nossos primeiros escriptores estão fazendo.

Hoje, entre nós, não existe a liberdade de imprensa por que tanto combateram os nossos grandes revolucionarios; hoje campea infrene o abuso, e licença. Hoje ninguem pode ter a sua reputação segura, nem tão pouco a lei estabelece garantias sufficientes para salvaguardarem a honra e dignidade dos cidadãos enlameados. O sophisma procura illudir as responsablidades: a instituição dos *testas de ferro* tornou arrojados os timidos, produziu os resultados mais nefastos.

Todos os homens serios pedem instantemente o *terminus* da lucta injuriosa que para ahi se espande aos olhos do publico, avido de escandalos, desmoralisado pelo exemplo, picado pela curiosidade.

Se a imprensa continuar por este caminho invio, vergonhoso, será ella a causa da desorganisação que se levantará arrogante em toda a parte. Lisboa, o centro d'onde tudo recebe a impulsão, a vida e a força, dando o exemplo da impunidade no combate por meio do insulto e da injuria, arrastará a imprensa da provincia para a mesma senda.

E' pois necessario pôr um dique a esse movimento desorganisador que tende a alastrar-se: é necessario curar este mal com um remedio energico—a lei, o tribunal onde cada um deve responder pelas faltas que pratica, pelos crimes que commette.

Chamem-se os transgressores aos tribunaes, em vez de os convidarem para duellos ou ridiculos ou selvagens, ambos condemnaveis, ambos absurdos; applique-se a lei tão completamente, tão justiceiramente, como deve ser; e então, ahi, tenha cada um a coragem de responder pelos seus actos, como nos duellos tem a coragem de se pôr em frente do adversario de florete na mão.

Não se trepide em chamar a responder perante o tribunal, um ministro ou ex-ministro d'estado, um deputado ou simples escriptor publico, um professor ou um gazetilheiro. Liquidem-se as responsablidades e termine-se de vez a guerra desleal e infame que os nossos primeiros politicos estão pondo em scena nas columnas dos jornaes que dirigem.

E' já tempo de acabar com essa comedia ridicula, para melhor se cuidar dos gravissimos problemas que d'um momento para o outro podem pôr em risco o nosso credito e o bem do paiz.

O imposto do pescado

Levantemo-nos todos contra essa exploração infame a que por ahi chamam o imposto do pescado. Reajamos todos contra tão odiosa contribuição que sem bases e sem verdadeira egualdade se cobra arbitrariamente.

As nossas palavras que pareciam perder-se na indifferença com que o publico acolhe sempre no principio as empresas grandes e arriscadas, vão finalmente encontrando echo na imprensa.

O nosso distincto collega o «Campeão das Provincias», no seu numero 3:507 diz entre outras cousas o seguinte: «Causa profunda tristeza ver ir uma e muitas vezes as companhas ao mar, trazerem 500 e 1:000 reis de lanço e d'isto mesmo ter de pagar ao fisco uma porção relativamente exagerada. E não ha um governo que extinga semelhante imposto, certamente o mais injusto, o mais iniquo de quantos se pagam».

E' um acreditado jornal do partido progressista, propriedade do exc.mo snr. Governador Civil substituto do nosso districto que assim falla, queixando-se da pouca attenção que tem merecido aos governos a abolição do imposto mais iniquo e injusto de quantos se pagam!

Diz o nosso collega que não ha governo que olhe para semelhante estado de cousas? Enganase; ha um ministro tirado da classe popular, um jornalista distincto que, subindo as escadas do poder, lançou mais 2% sobre o antigo imposto da pesca. Ha o snr. ministro da Fazenda que em vez de regulamentar convenientemente as leis que dizem respeito a assumpto tão importante sobrecarregou mais a classe piscatoria com uma taxa pesadissima.

Ninguem ignora e o nosso collega sabe perfeitamente que por accordo celebrado entre o governo e os representantes das companhas de pesca em 6 de junho de 1873 estes ficaram obrigados a pagar apenas 3% do rendimento do pescado, até que em 1881 foram lançados mais 6% d'addicionaes.

Os representantes das companhas impugnaram o direito do governo e os tribunaes sustentaram, como sustentam ainda a illegalidade do imposto. Agora o snr. ministro da Fazenda, por uma simples portaria, a de 8 d'Abril do corrente anno, augmenta o imposto elevando-o a 5%.

Em todas as louvaminhas que temos visto a respeito do snr. Mariano de Carvalho, ainda ninguem alludiu a este facto; ainda ninguem disse que o snr. ministro da Fazenda ao passo que abolia um imposto, procurava tirar o *deficit* da classe piscatoria.

Não é sensivel este augmento de imposto porque elle diz respeito a uma classe pobre, desprotegida; não é sensivel porque a imprensa, demasiado occupada com cousas futeis, ainda não se lembrou de levantar o grito d'alarme defendendo os parias, os miseraveis que não chegam a ganhar o bastante para matar a fome.

E' pois necessario um protesto vehemente de todos aquelles que se interessam pelo futuro do povo. Protestemos todos e se tanto for necessario, vamos fazer *meetings*. O governo bastante timorato cederá facilmeute então, já que perante a verdade dos factos exposta d'um modo simples e despretencioso, não quer attender, abrogando uma contribuição injusta e absurda.

Nós estaremos sempre promptos a coadjuvar os nossos conterraneos. Desde o momento que todos se convençam que é necessario para o progresso e bem estar da nossa terra fazer abolir tal imposto, elle será abolido. Ao nosso lado encontraremos mais de uma população, muitas villas que tambem como nós soffrem o flagello d'uma lei injustissima, que como nós reclamam energicamente como medida salvadora—a derogação do imposto do sal.

Como nós soffrem todas as povoações da beira mar, onde se empregam milhares de familias no serviço da pesca. Como nós são explorados pelo fisco muitos desgraçados que vivendo na miseria arriscam a vida para tirar uma parca quantia que nem chega para pagar o pão. Como nós, elles todos

FOLHETIM

HISTORIA D'UM RICO

I

João, chamava-se assim o protogonista d'esta novella. Era um pobre pescador como muitos dos que por ahi ha nas nossas costas, onde a pesca da sardinha constitue o unico modo de vida. Robusto, de tez bronseada pelos ardores do sol e pelo vapor da agua, elegante na sua camisola de riscado e ceroulas curtas sempre muito brancas, João namorara-se d'uma bella rapariga com quem casara.

A cousa fôra facil. N'um dia de festa quando a rapasiada se divertia, dançando ao som da viola desafinada, confessara-lhe ingenuamente a sua paixão, dissera-lhe que apesar de ser pobre tinha fama de ser bom «homem de mar», e por isso as soldadas haviam de augmentar. No entanto ella tambem da sua parte trabalharia e com isso não seria difficil sustentarem-se a si e áquelles «que Deus viesse a dar».

No dia seguinte umas mulheres visinhas foram encarregadas de fallar aos paes da moça e o casamento ficou *contratado*.

Os enxovaes não eram grandes e por isso não levaram muito tempo a mudar; arranjaram uma casita pequena, terrea, muito alegre onde viviam como n'um ninho.

Os primeiros tempos de noivado não foram interrompidos. Além o mar roncava ameaçadoramente, e a espozada quasi chegava a abençoar a furia do mar, o grande inimigo de sua familia, o sorvedouro de tantas vidas. Deixal-o roncar que assim ao menos tenho o meu homem seguro cá em terra—dizia.

Sentado ás vezes á soleira da porta, apanhando uma restea de sol que a custo rompia o deuso lençol de nevoeiro que apertava demasiado o horisonte, elle pensava vagamente no grande elemento, na apoucada pesca dos ultimos tempos, e agora na furia desusada das grandes ondas que presentia revolverem-se lá em *pégo*, cachimbando grossas nuvens de vapor d'agua. Se a safra assim continuasse não tinha remedio senão ir ter com o senhorio para lhe adiantar algum dinheiro. Uma desgraça assim!

Positivamente o mar não se resolvia a deixar entrar os barcos, enormes novellos de nevoa passavam accossados pelo vento e as ondas faziam grandes toalhas de espuma alvacenta n'uma enorme extensão. Os barcos, carregados com as redes, estendiam as bicas como que querendo desafiar esse dragão endomito que lá do pégo berrava. Todos ficavam alli presos ao pé dos apparelhos n'uma espectativa brutal de esfomeados. Semanas e semanas se passavam e só se ouvia, como protesto, uma praga valente amaldiçoando tudo. Chegara o desespero e já os labios não podiam murmurar uma prece que não fosse coberta por uma praga.

Nada, mulher, esta vida assim não me quadra. Com seiscentos diabos, pois nós havemos de morrer de fome e sem poder trabalhar! Nada, vou para Lisboa: com'assim empenhado por dez, empenhado por vinte—disse um dia o João á mulher.

—Espera mais alguns dias João; pode ser que o mar venha a bom, e pelo que dizem anda ahi sardinha na costa.

—Qual sardinha nem qual diabo, o que é, é a gente estar todo o dia com a barriga ao sol, sem fazer nada. Tu não queres que eu vá agora, pois bem agora não, mas no hynverno é um ai.

Ficou assente que o João iria só vindo o hynverno. Catraiar ou moço de fragatas era o mesmo. Por lá sempre havia de ganhar alguma cousa; e de mais quem sabe, talvez algum dia a fortuna os podesse ajudar.

A Rita foi tratando do bahú: para lá era necessario um vestuario completo. Para o serviço seria o classico pano-de-varas, grosso, valente, capaz de aguentar com tudo. Dois *andares* de roupa d'esta, algumas camisas de *riscado* e de resto a roupa que elle tinha.

Quando o sol foi empalidesendo de mais e mais, e a chuva vergasteava rijamente o telhado, o João na sua imaginação bronca phantasiara um viver mais socegado, uma fortuna enorme, collosal com que viesse fazer-se respeitado e admirado por todos os conterraneos.

Roberto Liz.

esperam o primeiro momento para o secundarem.

E' necessario força de vontade, bastante energia para conseguirmos o que a politica bem entendida não pode conseguir. Antes dos *meetings*, temos os protestos legaes, as representações aos poderes publicos. Façamol-os.

Um por todos e todos por um —seja a nossa divisa; a nossa bandeira de revolta.

Combatendo pela felicidade da nossa terra, esgotando as nossas forças em prol dos nossos conterraneos opprimidos, não nos collocamos por isso ao serviço de nenhuma das politicas militantes.

Pedir medidas que as necessidades publicas exigem e que os povos reclamam—é esta a nossa divisa—é este opportunismo tal como nós o comprehendemos.

POLITICA CONCELHIA

Fóra do campo neutro, a politica concelhia estrangulada pelas arruaças, desacreditada pelos processos indecorosos de que tem lançado mão, definha a olhos vistos, e dentro em pouco o povo olhará para ella com verdadeira indifferença. Pouco ruido causam já as violencias que se praticam.

O enthusiasmo que brotou espontaneo, terrivel contra a politica dominante, arrefeceu de tal modo que hoje nem uma palida idéa dá do que fóra o anno passado.

Que importa ao povo a guerra desleal que os cabeças movem entre si; desacreditando-se? Que melhoramentos podem operar no concelho os doestos vergonhosos que por ahi exploram os que não teem a intelligencia precisa para elaborar programmas, para lhe dar a conhecer as idéas que os animam e para as realisarem quando chegados a gerir os negocios municipaes?

Nem um programma, nem a discussão d'um melhoramento sequer!

Temos-nos referido por varias vezes a medidas importantes na administração concelhia, e não vimos ainda levantar-se uma só voz para as discutir seriamente, para nos contradizer ou secundar os nossos esforços.

Parece que a discussão legitima, honrosa para todos desappareceu do nosso meio para dar logar aos insultos. Pensam uns e outros, os politicos d'Ovar, que o unico meio de alcançar nome é injuriar os adversarios. Pensam que as accusações bem fundadas' convenientemente elaboradas e expostas francamente sem que o doesto as acompanhe, não produzem resultado. Erro, puro erro.

Se alguma cousa fica bem gravada na mente do povo, se alguma cousa ella pode conservar é precisamente o convencimento da verdade bem transparente, escripta com simplicidade. Assim abate-se a influencia d'um homem publico, desmorona-se um partido ainda solidamente organisado. Na vida d'um homem, como na vida d'um partido, os seus actos publicos acredital-o-hão perante a massa popular ou rebaixal-o-hão a ponto de vencer na lucta ou não poder entrar n'ella.

Não nos importa saber quem tem sido o culpado, quem deu o começo á lucta pouco digna que ahi se está operando. Não estamos agora na liquidação das responsabilidades. Observamos apenas o facto, e attacamol-o vivamente, porque a nossa posição excepcional nos dá logar a isso.

De mais, quantas vezes essa cousa, que por ahi todos chamam politica, tem ultrapassado as raias da decencia indo attacar, infamar pessoas que não milittam nos arraiaes d'um ou d'outro partido? Quantas vezes pessoas estranhas á lncta tem soffrido, sem que um só acto seu justifique essa loucura.

É impossivel, repetimol-o, este estado de cousa; é indispensavel que o povo fique inteiramente indifferente, não seccunde esses actos vergonhissimos com que se pretende explorar a sua influencia. Basta de escandalos, com elles só podem viver os homens perdidos as almas ruins, os caracteres pouco dignos.

A politica nobre e seria não pode consentir uma exploração tão atrevida, tão indigna.

Em vez de insultar é melhor discutir os melhoramentos de que o municipio carece. Temos esse campo bem largo que se presta a discussões interessantes, honrosas para todos. Para ahi chamamos os politicos d'ambos os partidos combatentes no concelho; ahi terão tempo de expor á vontade os seus planos, os seus programmas d'administração municipal.

Nunca regatearemos merecimentos a quem os tiver, mas tambem nunca nos prestaremos a sustentar uma discussão que só sirva para injuriar quem quer que seja.

Accusar os adversarios de não apresentar programmas, sem os proprios correligionarios os apresentar, como até agora uns e outros teem feito, é um dislate sem precedentes nas pugnas eleitoraes; é uma accusação traiçoeira e menos digna.

Dizer que os adversarios estão mortos, estão condemnados pela opinião publica, sem que essa opinião publica, ainda não tenha proferido o seu *veredictum* —é uma asserção ridicula.

Venha a discussão leal, digna, e esperemos que se realisem as proximas eleicções, para depois vermos por quem a opinião publica, representada pelos eleitores, se decide.

Até então *paroleu*.

LETRAS E LERIAS

RISCOS

—=—

.....

Cacetes! Cacetes!... repetia o eccho longinquo. E a chusma de cacetes, como enorme floresta levantavam-se a grande altura, cerravam-se uns contra os outros.

Quando um estremecimento nervoso fazia abalar aquelle organismo enteiriçado pelo medo, os cacetes moviam-se, como em enorme floresta as arvores ramalhudas fustigadas pelo vento.

Cacetes! Cacetes!... mais cacetes!... e as abobadas retumbavam estrondosamente e o som corria de mais em mais levando ás almas espavoridas a sensação do medo.

A atmosphera limpida d'uma manhã estival, como um brazeiro gigantesco tremelicava aquecida pelos raios quentes do sol, e os corpos sentiam uma lassitude, um quebramento inexplicavel. Tudo parecia dormir na quietude placida do dia bemfazejo, e emquanto as arvores crepitavam brandamente, pulando no espaço indefenido d'aspirações vagas e estendiam os seus ramos tremidos da seiva alimentadora, o eccho ia repetindo alem: cacetes! cacetes! mais cacetes!...

A Estrumada, a longa Estrumada parecia insufficiente para dar tantos cacetes. Pinheiros frondosos e opulentos cahiam derribados por machadas de bom corte e braços cabelludos iam podando os ramos cobertos de França. Despidos da sua tunica pardacenta reluziam por entre o espesso da matta e já lá vinham cacetear.

E o vento filtrando-se por entre a espessa ramaria trazia de envolta o eccho; e toda a Estrumada em milhares de pontos, ao mesmo tempo, gritava: cacetes! cacetes! mais cacetes!...

.....

—

A musica divina enlevava-me absorto para as regiões do ideal. A orchestra dava arcadas masgistraes que reboavam na amplidão do templo. Encontrava alivio salutar e a alma desprendida galopava docemente pela estrada do infinito, e as notas sonoras, cadentes, em rythmo dulcificante, empurravam-na.

Sentia um bem estar incalculavel.

Em que pensava, não sei. Perdera completamente a sensação da existencia; esquecera por um momento o viver difficil de cada dia, os *ditos* de cada hora, os ridiculos de cada instante.

Era a paz de que então gozava; e que bella era a paz!

D'ahi a pouco o mosquito da intriga zumbia-me aos ouvidos; dentro do proprio templo dominando o som da orchestra levantava-se o burborinho da infamia, a nota caracteristica da vida hodierna.

Os Zangões da malidicencia procuravam-me ferir e o meu espirito descia pouco e pouco para a superficie plana onde se revolviam as ondas de lodo.

A realidade prosaica, a chatez das ambiçõesitas sobrepunham-se á mestade do logar, á imponencia do espectaculo religioso.

Admirei a resignação d'esses vultos que o christianismo mostra ás gerações modernas como espelho grandioso, como cruz de redempção ao mesmo tempo que o sangue em grandes ondas me enchia as veias, e os musculos se retesavam.

A maledicencia produzia em mim um effeito desastrado. Como antes perdera a sensação da vida que me rodeava, agora perdia o respeito por tudo quanto antes me admirava.

Olhei com saudade as orelhas do maledicente e fiquei pensando que lhes succederia se dous dedos as apertassem convulsamente.

Aquelle ente pequeno, nullo, fizera me perder um dos melhores bocados da minha existencia e que difficilmente encontrarei, por isso me revoltava, por isso fiquei pensando que succederia se dous dedos apertassem convulsamente aquellas orelhas....

Ismael.

NÃO RESPONDEMOS...

Tem-nos perguntado alguns dos nossos amigos qual a razão porque não respondemos ás pasquinadas que contra nós têm publicado os nossos amigos pessoaes.

Hoje pela primeira e ultima vez vamos responder a essas perguntas, e cremos que justificarão a reserva em que até agora nos temos mantido e continuaremos a manter.

Ao apresentarmos o numero programma do nosso jornal dissemos que nunca attacariamos a vida intima de qualquer individualidade; que analysariamos o homem desde o momento que os seus actos se prendessem intimamente ao interesse da communidade: que nunca responderiamos a accusações logo que ellas descessem para o campo do insulto e da injuria. Hoje estamos, como estaremos sempre, no firme proposito de sustentar as ideas que então expendemos.

Para uma resposta, se é que para essas cousas e para esses individuos ha resposta possivel, tinhamos apenas um meio—o insulto. Porque publicar registros criminaes, relatar factos pessoaes indecorosos, muito embora do conhecimento de todos, era o insulto em toda a sua nudez, era a contradicção do que escrevemos e promettemos.

E demais, digam-nos—se amanhã um ebrio, um homem dissoluto e que nada tem a perder, vier ao encontro dos snrs., chamando-lhes tolos, ladrões, assasinos e emfim quantos nomes indecorosos no reportorio vastissimo da descompostura soez, que resposta possivel e airosa encontram para isso? batem-lhe? decerto não: insultam-no tambem? cremos que não. Naturalmente advertem-no por bons modos ou viram-lhe as costas: dizem-lhe que se vá deitar, ou que vá apanhar *outra*. Porque com gente de tal quilate é melhor deixar passar quando a consciencia não accusa.

Mas ainda assim este exemplo não está bem no caso sujeito porquanto aqui apparece bem visivel o auctor, emquanto que comnosco o caso muda um pouco. Para nos insultar apparece apenas um anonymo, para responder judicialmente por essas asqueriosidades vae ao tribunal um testa de ferro de quem toda a gente tem compaixão.

De mais, que nos importam accusações infundadas, insultos sujissimos, partindo de inimigos pessoaes que não sabem ao menos ter a virtude da lealdade?

Se elles escrevem para produzir effeito na classe popular, enganam-se, porque provocando simplesmente o escandalo, o effeito desapparece pouco depois, e apenas ficam a desconfiança e o desprezo para as almas pequenas, ruins que se ennodoaram descendo á regateirice, á infamia covarde de attacar encobertos na sombra do anonymo. Insulta com pasquins quem não sabe accusar ou não tem de qne accusar.

Temos a convicção de que o nosso procedimento extranhavel só porque n'este meio por'ora vicejam a malidecencia e a intriga, hade ainda ser devidamente apreciado: temos a convicção de as pessoas sensatas condemnarem a guerra mesquinha, miseravel que as verdadeiras nullidades levantam sempre a quem trabalha, estuda e faz por merecer a sympathia dos seus concidadãos nem para os explorar em proveito proprio, nem para satisfazer vaidades balofas.

Devotados ao progresso da nossa terra, tivemos dous fins ao levantar esta empreza tão arriscada como difficil da fundacção d'um jornal independente—1.° incitar os administradores do municipio a fazerem os melhoramentos que a vida moderna reclama—2.° a terminar de vez com a guerra politica selvagem, anormal que por ahi se fazia, espicaçando os animos para a revolta contra a lei e os bons costumes.

Conseguiremos levar a effeito este nosso pensamento? Talvez.

Cheios de enthusiasmo para a lucta que nos proposemos, convencidos de que trabalhamos para um fim justo e santo, não ha forças que nos desviem d'elle, não ha obstaculo que nos impeçam a carreira.

Apellamos para o povo que conhecemos bem, apellamos para essa massa generosa e sympathica, no meio da qual sempre temos vivido, e ahi as nossas palavras encontrarão eccho porque são dictadas por um pensamento bom.

Novidades

Phtisica—Esta doença incuravel vae fazendo progresso espantosos na villa. Ha dias ainda morreu uma pobre rapariga que apresentava bastante robustez.

Desordem—Domingo passado, na freguezia de Mauda, dous operarios travaram-se de razões e d'ahi a pouco um tinha a cabeça partida. Foi entregue ao ministerio publico para convenientemente proceder.

Incendio—Decedidamente estamos na epocha dos incendios. E' raro o dia em que não haja a registrar um destes casos. A inexperiencia o desmazelo ou crime causam sobresaltos continuos ou população. No lugar da Ponte Nova, segunda-feira, um individuo attacado da monomania incendiaria, lançou fogo á casa onde habitava, causando damno bastante á casa d'um seu visinho, um pobre pescador. O peor é que elle não tem bens snfficientes para reparar o prejuizo feito,

Suicidios—A monomania suicida vae fazendo grandes progressos. Romantismos exagerados e condemnaveis, ou expirações a celebridade arremessam quasi todos os dias para a valla grande numero de individuos.

Agora está em voga o suicidio a *duo*. Ha dias foram retirados da terra, em Charenton dous caçadores, que estavam abraçados um ao outro.

Em tempo houve uma convenção entre os principaes membros de jornalismo para não se publicarem os differentes casos de suicidio, a vêr se d'algum modo se impedia o progresso d'esta enfermidade mental, mas a *reportage* esquadrinhadora pensando que d'este modo lhe faltava um assumpto que servia para encher uma columna do jornal, acabou com a reserva que promettera.

Suspeita de crime—Leiria, a lendaria Leiria, do brazileiro morto e roubado, que por tanto tempo prendeu as attenções de todos e que caminhava a passos largos para o caminho da celebridade. deu nos agora mais um successo.

Quando se procedia a umas excavações na casa onde morreu um tal João Rei appareceram tres craneos e alguns ossos humanos. Crime no caso, disseram as auctoridades, e estavam já promptas a formarem quantos corpos de delicto quizessem para demonstrarem o seu grande zelo pela saneação publica, e feito exame mais detido aos ossos encontrados verificou-se serem antiquissimos.

Mais um logro pregado aos noticiaristas.

Doença—Tem estado bastante doente, na sua casa em Avança, o nosso distincto amigo, o José Maria d'Abreu Freire. Felizmente já se acha um pouco melhor.

Que se restabeleça de promtro é o nosso maior desejo.

Norma—Recebemos o n.º 310 da excellente revista lisbonense *A Bandeira Portugueza*. Publica na secção de musica para piano, o gracioso dueto da *Norma*. *In mia manò alfin tu sei*, que pela sua extensão tem de ser publicado em dois numeros. Na secção litteraria traz curiosos artigos de critica theatral, noticias e o capitulo IX dos «Escandalos da policia de Lisboa», pondo muita calva á mostra.

Assignatura, trimestre 700 rs. Assigna-se na rua dos Fanqueiros n.º 207, 1.º—Lisboa.

LISBOA

Lisboa, 1 de Setembro de 1886.

Mal se póde arranjar, nos acontecimentos politicos, assumpto para uma correspondencia, mas como é da praxe dizer sempre algumas vulgaridades a tal respeito, não ha outro remedio.

O mais saliente é a magnifica operação feita ultimamente pelo ministro da fazenda, com relação á collocação da divida flutuante. Recorrem-se mais uma vez a ella, mas isso era inevitavel, e não cabe a responsabilidade d'esse encargo ao actual ministerio, pois é para solver compromissos do gabinete regenerador. Vamos ao caso. O ministro, pela primeira vez entre nós, e acabando com os protextos para suspeitas, umas vezes fundadas, por ventura, e outras necessariamente sem razão alguma, abrio concurso, por carta fechada para aquella operação do thesouro. E'ra de dous mil tresentos contos de reis. Abertas as propostas no dia designado, viu-se que haviam concorrido capitaes muito superiores ao pedido, pois que éram vinte as propostas, e, entre ellas, para uma da totalidade do emprestimo e outra de mil e duzentos contos de reis. Assim por esse lado, o ministro foi muito feliz, demonstrando evidentemente o bom estado do nosso mercado monetario e a confiança que ao paiz está merecendo a gerencia financeira do snr. Marianno de Carvalho.

Isto hade fazer magnifica impressão no estranjeiro o corroborando e auxiliando a subida dos nossos fundos, exactamente no momento em que o toldado da politica europeia estava produzindo um abalo saliente em todos os papeis de credito.

Mas tanta ou maior impressão fará a modicidade do juro exigida pelas referidas propostas, que tornam esta operação a mais vantajosa, no governo, se tem feito no nosso paiz e uma das mais vantajosas que ha muitos annos se têm feito na Europa.

Parte do dinheiro foi offerecido a 3 5/8 e seguidamente, 4 %, 4 1/8, 4, 40 e 4, 1/2, o que dá uma media, com relação ás taixas de 4, 13 %.

Note-se que as ultimas operações semelhantes feitas pelo governo regenerador foram a 6 e 6 1/2.

Forçoso é confessar qne o ministro da fazenda o sr. Marianno de Carvalho, tem, na sua gerencia e em todas as operações, esmagado as accusações que a imprensa lhe tem feito. E' assim com actos de boa administração que se tapa a bocca aos que querem especular com opinião publica.

Applaudimos, como não podemos deixar de applaudir esta administração franca e desinteressado, que hade trazer ao paiz um bom nome e como consequencia uma solida subida do nosso credito. Actos d'esta ordem acreditam um ministro e fortalecem um partido que tem homens de talento robustissimo e de uma honradez inconcussa.

*

O partido regenerador appella agora para as arruaças. Espera-se que quando forem abertas as camaras para o juramento do princepe no parlamento se abra uma guerra cruenta contra o governo. Indo assim as duas camaras para fóra da legalidade, justificarão medidas energicas e perigosas para a preponderancia que o partido regenerador tem em alguns corpos collectivos, preponderancia que lhe é o mais forte esteio no governo e na opposição.

Pela minha parte desejava que o caso se desse, porque o paiz todo está ancioso por uma sacudidella bôa, e talvez que esses acontecimentos dessem logar a ella. Esta anciosidade em que nos deixa a todos o estado um ponco anormal da nossa politica, já pela regencia, já pela posição excepcional do governo para com as duas camaras e ainda pela lucta surda em que entrou o antogonismo dos dous chefes do partido. O que é certo tambem é que a Procuradoria Geral da Corôa, está demorando, parece que proproestadamente a sua decisão a proposito dos *titulos falsos*, talvez para a publicação do seu parar sendo desfavoravel ao governo, concidir com a abertura das camaras e dar protexto a reclamações ou protestos d'estas. Veremos e depois contaremos.

*

S. Magestade El-Rei continua na sua viagem e só no fim de Setembro, naturalmente, regressará á capital dos seus reinos. Tem sido bem recebido, mas com que desdem o principe de Bismarck, olharia para o rei «das occidentaes praias luzitanas», elle que vio humilhado e quasi supplicante o Napoleão de 68, que recebeu sobranceiro os imperadores da Russia e da Austria e tem jogado com bom exito a cabra cega com tantos monarchas, não de *patas* mas de fortes reinos!! E' o mesmo; nem por isso o Rei Luiz de Portugal, como por lá lhe chamam, terá menos prazer em se apresentar como o rei mais pacato da Europa e mais socegado no seu dominio e fosso.

Em Lisboa quasi se não falla no princepe regente e na princesa Amelia, que não aparecem na capital. Vão de Belem para Cascaes, de Cascaes para Cintra, de Cintra para Ajuda e não querem saber d'esta Babilonia, (segundo Junqueiro). Fazem elles muito bem, porque a vida de Lisboa n'esta epocha é verdadeiramente insipida... para quem não tem dinheiro ou não tem liberdade.

*

São mortas as *trovas*. As celebres *trovas* demais a mais, nem conseguiram dar umas arranhaduras, uma d'aquellas scenas *terriveis* dos duellos da nossa epocha. E ainda bem que são apenas *terriveis* pelo ridiculo. Bom éra que todos se cohibissem de insultos nas polemicas jornalisticas, desprestigiando a missão importante da imprensa; mas se o insulto é mau e pernicioso, o duello, como repressão ao caso, é selvagem na ideia e nos resultados, se elles vão allem da *quebra de biccos*.

*

E não tenho mais que dizer. O mez de ferias para tantos felizes está com...elles. Quem déra esses trinta dias de *descanço manso, no rimanço* do campo, da praia ou da montanha arejada e fresca!

E depois d'isto ainda vão para o ceu esses bemaventurados da borocracia indigena!

C.

Carta do Furadouro

VI

Até que afinal sempre veio o tal snr. Miranda dizer da sua justiça qualquer cousa; mas, verdade se diga, sempre era melhor ficar calado. Ao menos quem se cala, não vem disparatar a torto e a direito.

Quer insinuar o snr. Miranda, uma insidiasita que afinal não pega. Diz que o director d'este jornal não é quem escreve os seus artigos, que é um sujeito de longe quem os manda. Ora bolas...

Eu bem sei, quem lhe encommenda e paga o sermão, homem! Isso ainda podia surtir algum effeito, antes do snr. Sucena, ex-administrador d'este jornal, ter espalhado por ahi a quem o quiz ouvir que era só o director quem escrevia os primeiros artigos, aquelles que não traziam assignatura, então sim, mas agora, depois de se passar tanto tempo e todos se terem certificado da verdade, que a ninguem se tem occultado, tanto faz você ralhar, disparatar como nada.

O bicho que lhe come bem sei eu, oh se sei!...

Diga lá—os homens com que fim lhe encommendaram essa leria? Então sou eu que quero *explorar os brasileiros?* Ora deixe-se d'isso. Lembre-se, o snr. Miranda, que nunca, até hoje, o *Samuel*, este *Samuel* patusco que tantas quebreiras de cabeça lhe está dando, procurou *explorar* ninguem, nunca, nem jámais espera ser *explorado*. Agora tambem é caso para dizer como o snr. Miranda «julgo-me dispensado (de explicações) porque estou fallando a quem me intende de sobras».

Adeante.

Deserções vergonhosissimas! Puff! Ah! snr. Miranda, meu rico snr. Miranda, nunca as mãos lhe doam. Com que então vae fallar em deserções vergonhosissimas! Salta d'ahi deserções a um! Venha lá isso, homem, desembuxe, pelo amor de Deus.

Decedidamente o snr. Miranda está dando uma tosa valentissima no snr. Angelo Ferreira, um pobre rapaz que passa por ahi as noutes arranhando bandolim e a gritar ás portas, accordando os pacatos moradores da villa. Fogo, snr. Miranda, dê-lhe a valer. Mas afinal de contas que mal lhe fez elle?

Naturalmente o snr. vae dizer (eu não sei) que elle foi muitississimo regenerador, quando principiou a estudar em Coimbra e durante mais d'um anno—que elle em seguida foi progressistissimo quando escrevia no «Jornal do Povo» d'Oliveira d'Azemeis que depois foi republicano na «Folha Nova», batendo nos progressistas da terra como quem dava em centeio verde—que depois foi um regenerador porquissimo nas suas verrinas publicada no «Districto d'Aveiro» não lh'as querendo aquelle jornal acceitar senão, sob o titulo de *communicados*—e finalmente que agora é...é o que snr. Miranda? ora veja se advinha?...

Nós afinal não lhe queremos tirar o privilegio na historia das deserções, o snr. Miranda, naturalmente começa por essa...rapaziada, porque outro titulo não póde ter, segundo nos parece.

Mas, olhe snr. Miranda, é melhor deixar-se d'isso porque afinal não tira resultados alguns. Póde agradar aos seus oraculos, mas afinal toda a gente se ha-de aborrecer d'isso; mesmo porque se começa a fallar em deserções, ai! adeus oraculos que tambem tendes de figurar na dança.

Entretanto nós cá estamos no nosso posto á espera da historia. Só lhe advertimos uma cousa= não começe mentindo que é muito feio. E se quizer, nós para melhor lhe aguçarmos a memoria, podemos-lhe publicar uns versinhos que principiam pouco mais ou menos assim:

«Pelos canos d'esgoto.....»

—Agora a praia parece querer animar-se. Tem chegado bastantes familias para banhos.

Chegaram terça-feira os ex.mos snrs. Francisco Barbosa de Quadros e familia, D.or Antonio dos Santos Sobreira, e familia, Eduardo Elysio Ferraz d'Abreu e familia e outros muitos de que não nos recordamos.

Chegaram tambem ha dias os snrs. D.or João d'Oliveira Baptista e familia e João d'Oliveira Santos, abastado capitalista de S. Vicente de Pereira.

—A pesca tem sido muito pouca.

Tem havido todos os dias de manhã espessos nevoeiros.

—Os prejuizos que soffreu a casa do snr. Fernandes Ribeiro da Costa são de menos monta do que se disse no numero anterior.

Samuel.

ANNUNCIOS JUDICIAES

Annuncio

—*—

Pelo juiz de direito da comarca d'Ovar, Escrivão Sobreira, correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo,» citando os interessados Salvador da Silva e mulher, cujo nome se ignora, auzentes no imperio do Brazil, para todos os termos de inventario d'auzentes a que se procede por obito de sua mãe e sogra Joanna Maria de Jesus, que foi de lugar de Passô, freguezia de Vallega, sem prejuizo do seu andamento, nos termos do § 3.º do artigo 696.º do Codigo do Processo.

Ovar, 20 d'Agosto de 1886.

Verifiquei

Quadros.

O Escrivão

Antonio dos Santos Sobreira.

(10) 1

Pelo juiz de direito da comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Ferraz correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no «Diario do Governo» citando Caetano José da Silva, viuvo, e Antonio José d'Oliveira, solteiro, ambos ausentes no Brazil e credores e legatarios desconhecidos ou residentes fóra da comarca estes para deduzirem o seu direito e aquelles para todos os termos do inventario orphanologico a que se procede por obito de Joaquina Rosa de Jesus, moradora, que foi, no logar das Fontainhas, de Vallega.

Ovar, 3 d'Agosto de 1886.

Verifiquei a exactidão

Quadros.

O Escrivão

Eduardo Elysio Ferraz d'Abreu.

(11) 1

ARREMATAÇÃO

—=—

No dia 19 de setembro proximo pelo meio dia e á porta do tribunal judicial d'esta comarca, vai novamente á praça no valor de 800$000 reis que é metade do valor da sua avaliação, para ser arrematada, uma morada de casas altas e terreas, eira, cortinha de terra lavradia pegada, e arvores de fructo, sitas na Lagoa de S. Miguel, d'esta Villa.

Este predio foi penhorado aos executados Manoel Maria d'Oliveira Picado e mulher Rosa Duarte Pereira da Lagoa de S. Miguel, na execução hypothecaria que lhes movem Maria Gracia Pereira e marido Miguel Hypolito Marquee Bastos, da rua do Pinheiro, todos d'esta Villa.

Para a arrematação são citados quaesquer credores incertos.

Ovar, 30 d'Agosto de 1886.

Verifiquei

O 2.º substituto do juiz de direito,

Quadros.

O Escrivão

Antonino Rodrigues do Valle.

(13) 1

ARREMATAÇÃO

No dia 19 de Setembro proximo, pelo meio dia, volta á praça, á porta do tribunal judicial d'esta comarca, para ser arrematada por metade do preço de sua avaliação.

Uma morada de casas terreas, quintal, arvores de fructo, metade de um poço para uso domestico, sitas no logar da Egreja, de Cortegaça d'esta comarca d'Ovar, no valor de 27$500 reis.

Este predio foi penhorado aos executados Francisco d'Oliveira Caleiro e mulher Joaquina Rodrigues da Silva, do logar da Egreja, de Cortegaça, na execução hypothecaria que lhes move Manoel Rodrigues d'Almeida, casado negociante do logar e freguezia d'Anta, comarca d'Anadia.

Para a arrematação são citados quaesquer credores incertos.

Ovar, 30 d'Agosto de 1886.

Verifiquei

O 2.º substituto do juiz de direito

Quadros.

O Escrivão

Antonio Rodrigues do Valle.

(14) 1